

OS HUMANOS DIREITOS COMO PROJETO DE FUTURO À HUMANIDADE

Por Margareth Martins de Araújo



A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade (Paulo Freire)

No corrente mês fomos convidados para participar do I Fórum Municipal de Promoção e Educação em Direitos Humanos de Niterói, uma aproximação desejada e necessária, uma vez que nós da Pedagogia Social travamos contatos com múltiplos e complexos espaços de convivência institucional. Foi um momento ímpar poder tomar ciência de um projeto em construção, assim como, contribuir para a elaboração de políticas públicas em direitos humanos. Algo diferente já se passava desde a aproximação com os profissionais da Secretaria Municipal de Direitos Humanos até o desenrolar de todo o evento. A postura na abordagem sinalizava que algo novo estava por vir e com competência técnica, compromisso político, ética e gentileza tudo transcorreu.

Como integrante do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense participar da elaboração de políticas públicas é mister do nosso fazer. Côncios do nosso papel junto à sociedade, o grupo de pesquisa em acolheu de braços abertos a proposta e participou ativamente do trabalho proposto, articulando frentes de trabalho, unindo atores sociais de projetos já existentes no município e associando à expertise acadêmica da formação em Pedagogia Social. Compreendemos que o maior desafio a ser enfrentado por todos, será exatamente o movimento de sair do plano das ideias para o plano das ações concretas que transformam realidades humanas para melhor.

Para além de vontade política será necessário, entre outras exigências, um exercício permanente de vigília sobre aquilo que se deseja e de fato se realiza.

Como transitar entre o mundo das ideias e nos deslocar para o mundo concreto com o mínimo de segurança? Como não ceder ao mero verbalismo? Como perseguir constantemente a coerência entre o que falo e faço? Como não se deixar prender na armadilha do verbalismo? Como produzir a prática como ação criadora e modificadora da realidade? Como compreender direitos humanos, como humanos direitos, transformando-os em uma verdadeira pauta para aqueles que verdadeiramente necessitam. Será que queremos verdadeiramente isso? Temos consciência do que se passa e do nosso papel? Eis questões que nos acompanharam durante todo o Fórum. Araújo (2015) afirma ser a prática pedagógica, conviver com o outro, imerso em sua realidade com mitos e desafios decorrentes do ser e, estar vulnerável, também nos forma e transforma. Estamos dispostos?

DA VANGUARDA À RETAGUARDA: DESAFIO AOS INTELLECTUAIS



Por muitas razões, tenho defendido que o tempo dos intelectuais de vanguarda acabou. Os intelectuais devem aceitar a si mesmos como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar (Boaventura de Souza Santos)

Como conceber o exercício da intelectualidade com o outro e não apenas para o outro? Como abrir mão do meu conhecimento em prol do diálogo com o conhecimento do outro? Como não colonizar o outro com o meu saber-fazer e eticamente admitir o saber-fazer do outro? Como em um local de disputa como o mundo acadêmico você se colocar ao lado e não sobre os demais? Como exercer uma pesquisa que migra do objeto de pesquisa para o sujeito da pesquisa? São questões de cunho epistemológico, necessárias ao pedagogo social, sob pena de jamais sê-lo. Como estar atento às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas

produzir teoria com eles e não apenas para eles? A partir dessas reflexões. evidenciamos a necessidade do exercício permanente da humildade aliada ao autoconhecimento, pois no dizer de Santos (2008) todo conhecimento é autoconhecimento.

Como contribuição para as reflexões do dia o Projeto PIPAS-UFF encaminhou cinco princípios a serem estudados, avaliados e se possível considerados pela Secretaria de Direitos Humanos da cidade de Niterói ao elaborar seus decretos. São eles:

- 1- É mais simples do que se pensa: atenção - o simples é complexo
- 2- Ancorar todas as ações teóricas à prática – o teórico prático
- 3- Manter conexão permanente entre o local e o global evitando o deslocar das ideias da realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo.
- 4- Não perder a humanidade: muitos se desumanizam no processo
- 5- Considerar o saber-fazer de todos: sem hierarquizar

Aqui buscamos funcionar na retaguarda dos espaços-tempos da nossa pesquisa, aprendendo com os sujeitos temporais com os quais convivemos em situação de pesquisa e comunicamos o aprendido com eles e para eles nos fazemos porta-voz do ensinado-detectado-aprendido. Encaminhamos a possibilidade desses cinco princípios como metodologia de ação a ser implementada nas abordagens e convivências com e nos contextos de emergências, cenários do exercício de uma educação para os humanos direitos. Busquemos estar sempre atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar.

REREFÊNCIAS

ARAÚJO, Martins Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com Crianças Trabalhadoras**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

_____. **Por uma Pedagogia Social para o Século XXI**. Editora CRV, Curitiba, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Boaventura. **Um Discurso Sobre a Ciência**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A cruel pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almeida - Biblioteca Nacional de Portugal – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SANTOS, 2020.